

Aula 17

A TRANSIÇÃO À DEMOCRACIA NO CINEMA DOS ANOS 1980

META

Apresentar uma análise sobre o filme *Muda Brasil* (1985) de Oswaldo Caldeira no contexto da transição à democracia no Brasil.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
discutir a política de esquecimento como arma política contra a democracia realizada tanto por aqueles que apoiaram o autoritarismo da ditadura militar, quanto os condutores da transição a Nova República;
definir o caráter da transição da ditadura militar à democracia no Brasil; e
avaliar o papel de Tancredo Neves no processo de redemocratização brasileira

PRÉ-REQUISITOS

O aluno deverá ler os depoimentos do diretor Oswaldo Caldeira e do produtor Paulo Thiago do filme *Muda Brasil* (ver Momento de Reflexão)

Antônio Fernando de Araújo Sá

INTRODUÇÃO

Na aula de hoje, traçaremos o processo de transição da ditadura militar ao regime democrático brasileiro. Entendendo o direito ao passado como um dos fundamentos da cidadania, propomos debater o caráter do processo de redemocratização no Brasil, mostrando a operação de deslizamento efetuada pelos atores dessa transição, tanto colaboradores quanto opositores, no sentido do esquecimento do arbítrio e da violência na história recente do Brasil. Também abordaremos sobre o papel de Tancredo Neves nesta transição.

Estabeleceremos uma análise do filme *Muda Brasil* (1985), de Osvaldo Caldeira, no contexto da transição à democracia.

Esperamos que a leitura dos depoimentos do diretor Osvaldo Caldeira e do produtor Paulo Thiago do filme *Muda Brasil*, indicada no pré-requisito, tenha sido realizada, pois ela será muito importante para o andamento de nossa aula.



Cena do filme *Muda Brasil*. (Fonte: <http://i.s8.com.br/images/>).

TRANSIÇÃO À DEMOCRACIA

SILVA (2003: 245-246), sugere que devemos insistir na construção de uma memória da crise das ditaduras que leve em consideração o lugar da violência e do arbítrio na história recente do povo brasileiro, ao mesmo tempo em que há a necessidade de assegurar os múltiplos lugares de fala, dos diversos atores como enunciadores de uma memória dos anos de chumbo. Assim, como um “passado que não quer passar”, o que se percebe é a luta entre os atores sociais, buscando, na conjuntura memorial do presente, reiterar a necessidade de se fortalecer a democracia, não obstante a política de esquecimento colocada em prática pela conciliação da transição democrática.

É importante destacar que os elementos condicionantes dos atores principais deste processo. Primeiro, a pressão externa e os condicionamentos da economia mundial, na qual o Brasil estava inserida. Segundo, os militares e seus condicionantes institucionais e, por fim, pela oposição “representada pelo MDB e seus condicionantes inscritos na cultura política envolvente” (SILVA, 2003: p. 249).

Ao longo dos anos 1980, o processo de abertura política desencadeado pelos militares no governo **Ernesto Geisel** vai ser questionado com a própria divisão da corporação militar, como pode ser visto nos atentados terroristas de 1980-1981, culminando com o afastamento do general Golbery do Couto e Silva do governo João Batista Figueiredo, após o episódio do Riocentro, no dia 1º de maio de 1981. Ao mesmo tempo, a própria dinâmica interna da abertura indicava seus limites com as eleições de 1982, quando as oposições conquistaram a maioria dos executivos estaduais, especialmente nos principais estados da federação. Entretanto, a transição permanecia negociada, como ficou claro na campanha das Diretas Já. Iniciada em 1983, a emenda Dante de Oliveira (PMDB) propunha o fim das eleições indiretas do Colégio Eleitoral. As intensas mobilizações de rua em favor das eleições diretas para a presidência da República, lideradas por uma frente de oposições composta por partidos políticos (PMDB, PT, PDT), movimentos sociais, OAB, CNBB, ABI, intelectuais e artistas, contudo, não repercutiram devidamente no Congresso Nacional, sendo a emenda derrotada na Câmara dos Deputados. A democracia política fora adiada, mas era irreversível (MENDONÇA & FONTES, 2006: p. 87-88).

Essa derrota no Congresso Nacional retomava o caráter conservador e pactuado da transição que o regime militar propunha desde o governo Geisel. A intensa mobilização popular nas ruas das principais capitais do país defendendo a proposta de eleição direta para presidente da República e a convocação de uma Assembléia Constituinte, poderia conduzir a uma ruptura constitucional desfavorável para as forças que apoiaram a ditadura militar no Brasil (SILVA, 2003: p. 273).

Podemos afirmar que o ano de 1985 desempenhou um papel fundamental na história recente do Brasil, tornando evidente o esgotamento da

ditadura militar, na medida em que não dispunha de recursos nem projetos para a crise, enquanto mobilizações de massa ocupavam as ruas, como foi o caso das Diretas Já. Não podemos esquecer que a década de 1980 foi marcada pela estagnação econômica em toda a América Latina, levando ao questionamento da dependência dos países em relação ao endividamento externo, inclusive, em alguns países, iniciando um longo período de inadimplência (SILVA, 1996: 335).

Esta conjuntura, caro aluno, marcou a transição entre a ditadura e o regime democrático-representativo no Brasil, que adquiriu uma feição de pacto entre as classes dominantes (com representações do PMDB, PFL, PDS, PTB) e a cúpula militar, com a oposição do PT. Neste processo, Tancredo Neves representou um papel-chave na estratégia de abertura preconizada por Petrônio Portela, consciência política do governo Ernesto Geisel. Sua saída do PMDB, em 1978, para a criação do PP, composto por setores conservadores do MDB e do PDS, o que lhe conferiu a pecha de “linha auxiliar do governo”. Com a proibição das coligações, em 1981, o PP foi reincorporado ao PMDB, causando grande mal-estar entre setores mais a esquerda do partido.

Por outro lado, havia um grupo dissidente do PDS que não apoiava a candidatura de Paulo Maluf. Entre outros líderes políticos, destacam-se Marco Maciel, Antônio Carlos Magalhães, Jorge Bornnhauser, Hugo Napoleão, Olavo Setúbal, Aureliano Chaves, que articularam com o PMDB a criação da Aliança Democrática (AD) de apoio à candidatura de Tancredo/Sarney.



Vitória de Tancredo Neves e José Sarney nas eleições presidenciais indiretas, em 1985. Cenas de Muda Brasil. (Fonte: <http://i.s8.com.br/images/>).

Da parte da esquerda brasileira, Leonel Brizola, cujo partido (PDT) possuía grande representatividade no Rio de Janeiro e nos estados do Sul do país, desencadeia manifestações de massa em favor da chapa Tancredo Neves/José Sarney.

Já o PT percebia a candidatura de Tancredo Neves como uma transição conservadora e pactuada com o autoritarismo. Tal desconfiança se materializou com a incorporação do senador José Sarney ao PMDB, político comprometido com o regime militar e que havia sido presidente da ARENA e do PDS. Como observa o historiador Francisco Carlos Teixeira da SILVA (1996: p. 337), o senador “entrara em rota de colisão com a ala mais conservadora e, principalmente, fisiológica, do PDS ao ser atropelado pela candidatura de Paulo Maluf à presidência da República”.

Assim, à exceção do PT, que decidiu abster-se da eleição de Tancredo Neves e José Sarney no Colégio Eleitoral a 15 de janeiro de 1985, todos os partidos

votaram a seu favor, impondo uma fragorosa derrota ao candidato situacionista Paulo Maluf. A vitória eleitoral da Aliança Democrática pode ser considerada o coroamento do processo de distensão, “lenta, gradual e segura”, iniciado pelo governo Geisel. Deste modo, ainda que a ascensão do governo civil colocasse fim à ditadura militar, a “Nova República”, como ficou conhecida, manteve aspectos autoritários herdados da ditadura. Não poderia ser de outra forma, na medida em que a Aliança Democrática negociou o deslocamento da campanha das Diretas Já para o Colégio Eleitoral como forma de evitar a participação popular no processo de transição à democracia (FALCÃO, 1986: p. 26-27).

Como ressaltaram Mendonça & Fontes (2006: 99), a transição negociada e conservadora reduziu o alcance das conquistas sociais, especialmente no âmbito do Congresso Constituinte, quando fisiologismos diversos mitigaram a aplicação de conquistas reais pela não regulamentação da maior parte de seus capítulos.

MUDA BRASIL (1985): A TRANSIÇÃO À DEMOCRACIA NO CINEMA DOS ANOS 1980

Nascido em 1943, em Belo Horizonte/MG, Osvaldo Caldeira inicia sua trajetória no cinema como crítico cinematográfico em sua cidade natal no período de 1961-1962, mudando-se neste último ano para o Rio de Janeiro. É na cidade maravilhosa que trava contato com o documentarista Arne Sucksdorff em curso promovido pelo Itamaraty/UNESCO em 1963-1964. Nas décadas de 1960 e 1970, dirigiu os curtas *Telejornal* (1967), de ficção científica, *O cantor das multidões* (1969), sobre Orlando Silva e *Trabalhar na Pedra* (1972). Logo depois roda o longa-metragem *Passe Livre* (1974), *Futebol Total* (1974) e *Brasil Bom de Bola 78* (1978), todos sobre o futebol como fenômeno cultural no Brasil, realçando a participação do nosso país nas Copas de 74 e 78. Em 1977, filma *Ajuricaba*, seu primeiro longa-metragem de ficção, numa clara influência romântica. Em 1982, realizou o filme *Bom Burguês*, sobre a luta contra a ditadura militar e o problema da clandestinidade e logo depois adapta o romance de Fernando Sabino, *O Grande Mentecapto* (1987-1988). Dessa época, optamos por analisar o filme *Muda Brasil* (1985), uma reportagem cinematográfica sobre a transição à democracia no Brasil, com a eleição indireta de Tancredo Neves (MIRANDA, 1990: p. 71-72).

Inserido no conjunto de filmes que colaboram para a produção de uma imagem positiva de Tancredo Neves no processo de transição à democracia no Brasil, como *Patriamada* (1985), de Tizuka Yamasaki, *Céu Aberto* (1985), de João Batista de Andrade, sendo a única exceção *Operação Brasil* (1986), de Luiz Alberto Pereira, a película faz de Tancredo Neves a personificação do conciliador político, realçando-o num toque messiânico de salvador da pátria.



Capa do filme Muda Brasil. (Fonte: <http://i.s8.com.br/images/>).

Apesar desta opção política, o filme traça um rico registro histórico que vai da campanha pelas Diretas Já até a eleição de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral a 15 de janeiro de 1985. Contudo, o esvaziamento da luta política nas ruas para o ambiente fechado do Congresso Nacional não foi bem explorado por Oswaldo Caldeira, privilegiando as articulações políticas em torno da formação da Aliança Democrática e a eleição no Colégio Eleitoral. Talvez, uma das poucas exceções críticas sobre a mudança de foco da luta pela democracia no Brasil seja os depoimentos de Luiz Carlos Prestes e Luís Inácio Lula da Silva.

Numa clara preocupação com a produção de determinada memória da transição democrática, os depoimentos se concentram em torno da figura de Tancredo Neves e políticos próximos a ele, como, por exemplo, José Aparecido de Oliveira. Ao mesmo tempo, a narrativa cinematográfica explorou, de forma bem humorada e consistente, o rápido

desgaste eleitoral do PDS, por conta das divergências internas em torno da sucessão presidencial, quando há o embate na convenção do partido entre as chapas de Mário Andreazza (presidente) e Divaldo Suruagy (vice) versus Paulo Maluf (presidente) e Flávio Marcílio (vice). Um dos pontos interessantes na convenção é a crítica elaborada por deputados do próprio partido, dando conta dos gastos exorbitantes realizados na convenção, o que sugeriria certo clima de corrupção relacionado ao candidato vitorioso, Paulo Maluf/Flávio Marcílio.

Entretanto, Caldeira não explora o fato de que foi a manutenção das eleições indiretas o principal motivo para o desgaste eleitoral do PDS, principalmente porque significaria eleger um presidente “biônico”, escolhido indiretamente, que governaria em minoria no Congresso. Soares (1984: p. 60) identifica a crescente centralidade das eleições diretas na população e no eleitorado, articulado com a crise econômica, como fatores importantes para a perda da substância eleitoral do PDS. Com base em pesquisas de opinião da época, o autor chama a atenção “que o povo brasileiro não quer nem Maluf nem Andreazza e que, dentro do próprio PDS, prefere vários outros candidatos”, como é o caso de Aureliano Chaves. Para ele, não há dúvida que a rejeição das diretas é uma das razões fundamentais para a perda de substância eleitoral do PDS.

A fragilização do PDS se apresenta nas dissidências partidárias, que emergem no bojo da crise política de legitimação da própria ditadura, com o fortalecimento da pressão popular. Dentre os que discordam da candidatura de Maluf, destacam-se José Sarney, Marco Maciel, Antônio Carlos Magalhães, entre outros, que irão ajudar a compor a frente “Muda Brasil” e eleger Tancredo Neves (presidente) e José Sarney (vice), chapa única na

convenção do PMDB. Uma das mais ruidosas rupturas políticas registradas pelo filme foi a de Antônio Carlos Magalhães, que chama Maluf de ladrão e corrupto em comício ao lado de Tancredo Neves. No filme, também é registrada a inauguração do Aeroporto de Salvador, com a presença do presidente Figueiredo e do ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Matos, que faz um discurso alusivo ao político baiano como traidor dos ideais da “Revolução de 64”.

No filme, vemos cenas que revelam a passagem da campanha das diretas já! à campanha da frente de oposição “Muda Brasil”, como se fosse uma continuidade política e os comícios de Tancredo expressavam a legítima esperança popular.

Assim, como acentuou SILVA (2003: p. 274), a passagem da campanha das Diretas Já! à campanha pró-eleição de Tancredo Neves pelo voto indireto no Colégio Eleitoral revelou um novo arranjo político, excluindo alguns atores políticos como o PT, e somando outros, como a dissidência do PDS. Deste modo, o PT, que tivera um papel central na mobilização popular da campanha das Diretas Já!, não apóia a candidatura do PMDB por considerá-la conciliadora, centrista e marcada pelo conservadorismo pessoal.

Essa postura da esquerda petista se devia a falta de legitimidade do Colégio Eleitoral e o caráter frentista contra a ditadura, incapaz, segundo a avaliação do PT, de romper com o FMI e não encaminharia os problemas dos trabalhadores, como a questão da Reforma Agrária.

Contudo, Leonel Brizola ocupa o lugar das esquerdas dentro da Frente Política “Muda Brasil”, em conjunto com os partidos comunistas ainda na ilegalidade. Alguns comícios em Manaus e Belém são duramente reprimidos por conta da presença destes partidos ilegais, sendo esta atitude policesca rechaçada por líderes da esquerda, como o deputado federal Roberto Freire que denuncia a ambigüidade da Aliança Democrática com relação a legalização dos partidos comunistas.

O apoio que Tancredo recebia de ex-membros do PDS evitava o revanchismo de que tanto temiam os militares, e o fato de ser político mineiro, que tem como marca o comedimento e a honradez, fez com que ele se tornasse o único político palatável pela maioria dos militares, do PDS e do empresariado. Aliás, a presença constante de Mauro Salles no filme retrata bem o apoio empresarial àquela candidatura. Como diz em seu depoimento no filme Camilo Penna, Ministro da Indústria e Comércio: “... Minas é terra brasileira cercada de Brasil... quem governa Minas adquire uma visão de Brasil... que nenhum outro pode ter...”.



Cartaz do filme Céu aberto, de João Batista de Andrade (Fonte: <http://www.adorocinemabrasileiro.com.br>).

É interessante notar que a abertura que se efetivava com Tancredo Neves/José Sarney não era mais dirigida pelos militares e sim por uma frente de políticos com lastro política de vários anos, como, além dos próprios candidatos, Aureliano Chaves, Franco Montoro, Leonel Brizola, Marco Maciel, Miguel Arraes, Antônio Carlos Magalhães, entre outros, que se uniram para evitar retrocessos ou rupturas.



ACM, Brizola, Franco Montoro e Marco Maciel, alguns dos apoiadores da candidatura Tancredo Neves. Cenas de Muda Brasil. (Fonte: <http://i.s8.com.br/images/>).

O resultado disso tudo foi a vitória de Tancredo Neves (presidente) e José Sarney (vice) pelo PMDB no Colégio Eleitoral, com o apoio das mais diversas tendências e transmitido ao vivo pela TV, por conta da pressão popular. Vale registrar que mesmo no interior do PT houve dissidências. Dos 8 deputados federais, três votaram na Aliança Democrática, liderada por Tancredo Neves. O filme, por exemplo, registra com ênfase os votos de Airton Soares, Beth Mendes e Euler Bentes, como se estabelecesse uma crítica ao jovem partido de esquerda pelo seu caráter purista. Foram 480 votos para Tancredo contra 180 para Maluf. A ditadura chegava melancolicamente ao fim.

Tanto no filme, quanto no livro de Marlyse Meyer e Maria Lúcia Montes, menos de um ano após a derrota das Diretas Já! e por caminhos inesperados, vemos o retorno da festa na política, repetição emocionada da alegria da

campanha derrotada, ainda que o poder chegasse sem a participação direta do cidadão, pelo seu voto. Assim, em ambos os lugares de memória da crise da ditadura (livro e filme), evocam-se que “mais vale uma presidência na mão do que duas eleições voando, sob o signo de ‘Muda Brasil’, tampamos o nariz e engolimos o famigerado colégio eleitoral, que o próprio presidente eleito denunciara como ‘espúrio.’” (MEYER & MONTES, 1985: p. 15).

Nesta perspectiva, as imagens evocam uma dimensão às vezes esquecida da esfera da política, que é o caso da festa cívica patrocinada por populares na subida da rampa do Congresso Nacional, ao som da música de Chico Buarque, numa proposta que coloca o final do filme como um momento de esperança na Nova República.

Contudo, após a vitória de 15 de janeiro de 1985, depois de um longo processo de aprendizagem popular da política, iniciado com as Diretas Já!, esperava-se uma grande festa cívica em 15 de março, dia da posse de Tancredo Neves/José Sarney, que também marcaria o lançamento do filme de Caldeira. Porém, a surpresa e a melancolia: a doença e o internamento do futuro presidente. Era um anticlímax que prenunciava as desventuras da própria Nova República, agora presidida pelo ex-senador do PDS, José Sarney.

Portanto, o objetivo do filme é registrar os momentos centrais pelos quais passou o país, desde as discussões em torno da eleição direta até os primeiros seis meses de efervescência popular do processo sucessório da Presidência da República, consagrando Presidente Tancredo Neves como condutor da transição do Autoritarismo à Democracia.



Elabore um texto (no máximo, duas páginas) em um grupo de cinco estudantes, tentando identificar outras possibilidades de leitura da memória da crise da ditadura militar, que não aquela veiculada no filme *Muda Brasil*, de Oswaldo Caldeira.

CONCLUSÃO

Caro aluno, o mais importante desta aula foi construir uma memória da crise da ditadura militar que leve em consideração o lugar da violência e do arbítrio na nossa história recente, ao mesmo tempo em que há a necessidade de assegurar os múltiplos lugares de fala, dos diversos atores como enunciadore de uma memória dos anos de chumbo. Assim, como um “passado que não quer passar”, o que se percebe é a luta entre os atores sociais, buscando, na conjuntura memorial do presente, reiterar a necessidade de se fortalecer a democracia, não obstante a política de esquecimento colocada em prática pela conciliação da transição democrática.

Neste sentido, o filme traz um interessante retrato histórico da transição entre a ditadura e o regime democrático-representativo no Brasil, que, apesar da construção da imagem de Tancredo Neves como conciliador da nação, revela a feição de pacto entre as classes dominantes (com representações do PMDB, PFL, PDS, PTB) e a cúpula militar, com a oposição do PT. Neste sentido, no campo de disputas da memória da crise da ditadura, o filme acaba por expor que Tancredo Neves desempenhou um papel-chave na estratégia de abertura preconizada por Petrônio Portela, consciência política do governo Ernesto Geisel.



RESUMO

No longo processo de transição da ditadura militar ao regime democrático representativo no Brasil, vivenciamos a passagem de momentos de intensa mobilização popular da campanha Diretas Já! pela campanha da eleição indireta de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, mostrando a face conservadora e pactuada desta transição, quando se percebe um novo arranjo político, em que se exclui o PT, fundamental na campanha das Diretas Já!, por viabilizar a participação dos trabalhadores do campo e da cidade no debate político, e, ao mesmo tempo, incorpora a dissidência do PDS (ex-ARENA), partido que apoiou (e mantinha o apoio ao) o regime militar.

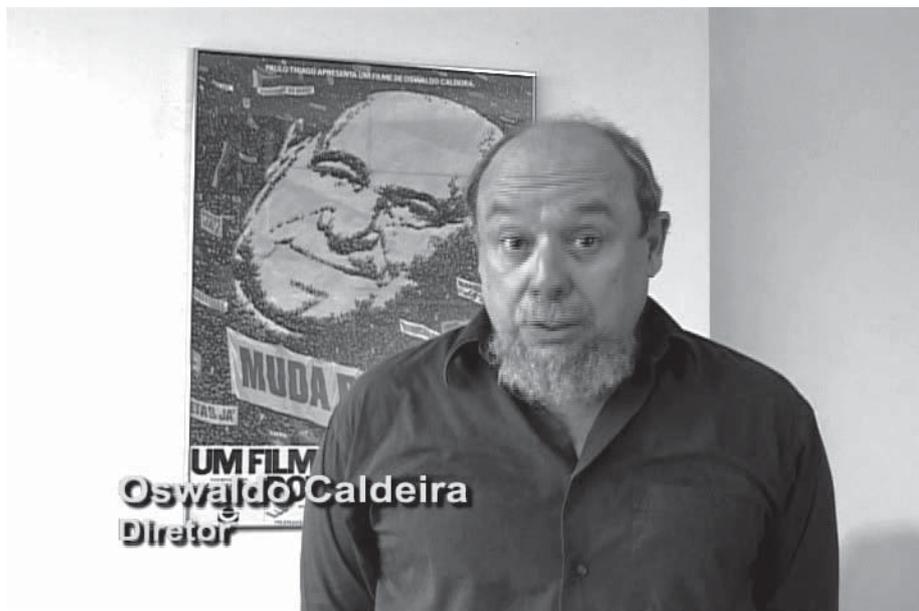
Deste modo, a vitória de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral serviu como garantia do controle das elites políticas do processo de transição ao regime democrático-representativo, na medida em que coroava o processo de distensão, “lenta, gradual e segura”, iniciado pelo governo Geisel. Deste modo, ainda que a ascensão do governo civil colocasse fim à ditadura militar, a “Nova República”, como ficou conhecida, manteve aspectos autoritários herdados da ditadura.

MOMENTO DE REFLEXÃO (DEPOIMENTOS) OSWALDO CALDEIRA

Muda Brasil é uma reportagem, um flagrante do fim da ditadura. Ao contrário de um documentário convencional em que o roteiro é concebido a partir de longas pesquisas, em Muda Brasil a gente filmava ao sabor dos acontecimentos. Foi assim que pegamos despreziosamente um avião para a Bahia no dia em que o Maluf foi até lá e acabamos documentando toda aquela confusão.

O objetivo básico de Muda Brasil é preservar a memória deste país. Há um descuido, um descaso com a memória nacional. Acho importante nos colocarmos para os pesquisadores do futuro e, sobretudo, dar uma contribuição ao sentimento de amor-próprio nacional, não esquecendo que nossa história não foi feita apenas de momentos dolorosos.

Apesar de 20 anos de ditadura, houve momentos, como o da eleição de Tancredo, em que, mesmo não tendo sido direta, contou, inegavelmente, com grande apoio popular. Por tudo isso, Muda Brasil pretende ser, principalmente, uma homenagem ao povo brasileiro



Oswaldo Caldeira, diretor de Muda Brasil (Fonte: <http://i.s8.com.br/images/>)

PAULO THIAGO

Produzir Muda Brasil se colocou para mim como uma tarefa política, um dever de cidadão.

A maneira direta de participar das mudanças e da construção democrática, usando os instrumentos de minha atividade profissional, seria produzir um filme sobre tudo o que estava acontecendo.

Acreditei no filme como acreditei na vitória da Democracia. Sem o Estado financiando e sem qualquer colaboração dos inúmeros empresários que procuramos e que lá ficaram em cima do muro, secretos malufistas ou tancredistas de última hora.

Não foi fácil obter os recursos para o Muda Brasil, ao contrário do que muitos possam imaginar. Mas foi uma experiência vital fazer cinema sem o Estado, com as dívidas, a cara e a coragem.

Espero ter cumprido a missão de colocar o cinema brasileiro no ritmo da história viva de nosso País.

Se, emocionados, meus olhos apenas puderam registrar o incêndio do prédio da UNE, em 1964, a emoção da vitória do Dr. Tancredo, em 15 de janeiro, e do fim da ditadura foi por nós filmada, registrada. Este acerto de contas a minha geração tinha que fazer”.

In: CALDEIRA, Oswaldo. Muda Brasil (1985). Paramount Brasil (cor, 104 minutos).



Paulo Thiago, produtor de Muda Brasil (Fonte: <http://i.s8.com.br/images/>).



A partir da leitura dos textos desenvolva a seguinte questão:

1. Discuta a importância do cinema documental político como espaço de engajamento em direção à salvação de acervos, depoimentos e lugares de memória, que proporcione uma multiplicidade dos lugares de fala dos atores políticos em disputa na conjuntura memorial do presente.

REFERÊNCIAS

- FALCÃO, Rui. A República que fez plástica. In: KOUTZII, Flávio (org.). **Nova República: um balanço**. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- FERNANDES, Florestan. **Nova República?** 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- MENDONÇA, Sônia R. de; FONTES, Virgínia Maria. **História do Brasil Recente (1964-1992)**. 5 ed. revista e atualizada. São Paulo, Ática, 2006.
- MEYER, Marlyse; MONTES, Maria Lúcia. **Redescobrimo o Brasil: a festa na política**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1985.
- MIRANDA, Luis F. A. **Dicionário de Cineastas Brasileiros**. São Paulo: Art Editora/Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1990.
- RODRIGUES, Alberto Tosi. **Diretas Já: o grito preso na garganta**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Brasil, em direção ao século XXI. In: LINHARES, Maria Yeda (org.). **História Geral do Brasil**. 6 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1996.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil (1974-1985). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil republicano: o tempo da ditadura**. v. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SOARES, Gláucio Ary Dillon. **Colégio eleitoral, convenções partidárias e eleições diretas**. Petrópolis: Vozes, 1984.

GLÓSSARIO



Ernesto Geisel: General brasileiro (1908-1996). Foi Presidente da República entre 1974 e 1979. Geisel se dedicou à abertura política e encontrou resistência nos militares da chamada linha-dura.